

Estudo exorciza recessão

■ Levantamento feito pela Fiesp diz que é prematuro afirmar que economia estagnou

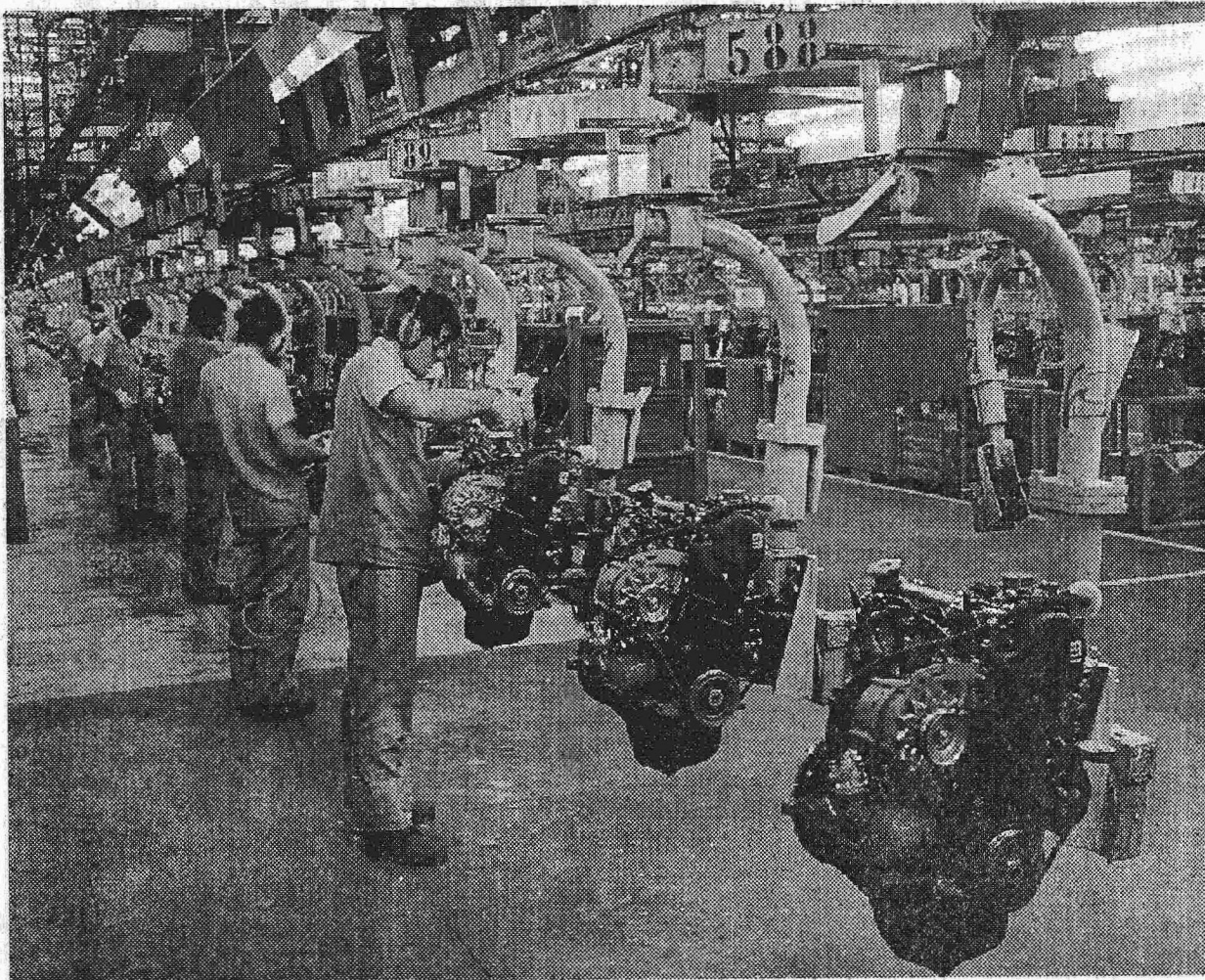
SANDRA BALBI

SÃO PAULO - Depois de sobreviver à década perdida - a recessão dos anos 80 - não há empresário que não sinta calafrios à simples menção de que um novo ciclo de queda de vendas e produção está a caminho. Um estudo sobre as tendências da economia, encomendado pela direção da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) ao seu Departamento Econômico, procura responder à questão: caminhamos para a recessão? A conclusão do estudo, a ser divulgado nos próximos dias, é clara: "não há sinais de recessão no ar. Qualquer afirmação neste sentido é prematura", adiantou um dos técnicos da Fiesp.

A dúvida sobre os rumos da economia paira no meio empresarial desde que o setor de bens de consumo duráveis derrapou na queda do consumo, puxando o freio de mão na linha de produção, e os índices de preços da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) passaram a sinalizar deflação (inflação negativa), há três semanas. "O risco de recessão não está afastado, pois os juros continuam altos e a atividade econômica pouco aquecida", voltou a alertar esta semana o economista-chefe da Fipe, Heron do Carmo. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) de São Paulo, divulgado na quinta-feira, registrou nova deflação de 0,08%, na terceira quadrissemana de setembro (24/08 a 22/09).

Segundo o economista, o recuo nos preços só não foi maior devido ao aumento das tarifas públicas. Pelos dados da Fipe, o chamado "núcleo da inflação" (os preços de produtos industrializados comercializáveis e serviços) está muito baixo e é isso que está levando à deflação. Nos últimos 12 meses, os preços desses setores acumularam alta de 0,6%.

Preocupação - O país atingiu, enfim, níveis de inflação de Primeiro Mundo, meta tão perseguida pelos tecnocratas do governo. No entanto,



A indústria automobilística surpreende os analistas e aumenta 10% a produção no período de julho a agosto

essa conquista acabou virando motivo de preocupação. É que preços em queda sinalizam vendas declinantes empurrando a produção para a retranca. "Mesmo assim, é cedo para falar em recessão. Três semanas de deflação são um acaso, não uma tendência", diz Bernard Appy, analista econômico do Banco Fator. Um dos fatores que provocam a retração dos preços e a desaceleração da economia, diz, é a queda da massa de rendimentos dos assalariados.

Nos dois primeiros anos do Real, esses rendimentos cresceram 10% ao ano. Os assalariados, principalmente os de menor renda, fizeram a festa, comprando de iogurtes a eletroeletrônicos e carros, mas en-

dividaram-se até o pescoço. Agora, com os salários crescendo 1,5% ao ano, (devido ao desemprego e aos reajustes baixos) lutam para pagar as dívidas e diminuem o ritmo de compras.

Inadimplência - "Há uma desaceleração da economia, pois as famílias que se endividaram estão re-compondo seu orçamento", diz Sylvio Bresser Pereira, diretor do Banco Fator. "Não há, entretanto, motivos para se prever uma recessão", acrescenta. Segundo Bresser Pereira, outro indicador de que não há tempestade a caminho é que a inadimplência, apesar de alta, recuou. "O volume de créditos concedidos cresceu muito e, proporcionalmente,

a inadimplência está crescendo pouco", diz.

Segundo pesquisa realizada pela Fipe e o Banco Fenícia, em agosto o nível de inadimplência no varejo chegou a 12,6%. Em setembro, caiu para 10,5%. Na opinião do analista econômico do Fenícia, Fábio Pina, é um bom sinal. "O consumidor quer limpar o nome para voltar a comprar". Mas para ele, as classes C e D não mergulharão em dívidas como no início do Real. "Não dá para manter o mesmo nível de endividamento com esses juros". Assim, no que depender do consumidor que sustentou o Real, a economia continuará crescendo, mas na primeira marcha.